

Empresa nacional se une para manter conquista

BRASÍLIA — As pequenas e médias empresas de capital nacional, responsáveis pelo lobby que conseguiu desmantelar a ofensiva do *Centrão* na votação da Ordem Econômica, voltarão a atuar no segundo turno da Constituinte, agora reunidas numa só entidade. A Câmara Brasileira das Empresas de Capital Nacional será fundada no próximo mês, em Brasília para, em nome de 150 mil a 250 mil empresas, defender interesses opostos aos das federações e confederações.

“As grandes federações representam o grande capital, aliam-se às multinacionais e, embora filiadas a elas, no momento somos contra as pessoas que as dirigem”, diz Roberto Oliveira Sá, da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais, um dos fundadores da nova entidade. Na semana que vem, Roberto e um grupo de empresários estarão no Congresso para reiniciar o lobby junto

aos constituintes, dessa vez para manter o que conquistaram, basicamente a reserva de mercados e as proteções à empresa nacional, tão criticadas pela Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), uma das entidades que os nacionalistas combatem.

Aliados — Além de contarem com os constituintes, os empresários terão o apoio dos militares, importantes aliados que os ajudaram a conquistar a nacionalização do subsolo, a definição de empresa nacional e a reserva de mercado para setores de ponta e estratégicos da economia. Segundo Oliveira Sá, que estava no Conselho de Segurança Nacional pela última vez em abril, os empresários voltarão a se reunir com setores das Forças Armadas — por exemplo, parte do Conselho de Segurança Nacional. Sá não gosta de dizer que no governo há grupos que os apoiam e grupos que os combatem. Prefere afirmar: “O governo entende a nossa posição”.

Mas deputados da Frente Parlamentar Nacionalista não negam que têm o apoio explícito dos ministros ligados ao presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães: Luís Henrique, Renato Archer e Celso Furtado. No primeiro turno, os empresários tentaram convencer Aureliano Chaves a apoiá-los, num dia em que estiveram também com o chefe do Gabinete Militar, Bayma Denys, e o então chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Paulo Roberto Camarinha. Desta vez vão procurar de novo os ministros, sem esquecer o da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, e o do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

Os nacionalistas acreditam que o regimento da Constituinte está a favor deles. Isso porque querem manter o que conquistaram e, se o *Centrão* quiser anular essas conquistas terá de reunir 280 votos. “O quórum baixo conta a nosso favor”, diz Haroldo Sabóia (PMDB-MA).

As vitórias dos nacionalistas

	Sim	Não
Reserva de mercado	321	184
Mineração	343	126
Empresa nacional	499	16
Bens e serviços	316	148
Mercado	419	7

Os pontos que não serão negociados

O lobby nacionalista dividiu em três blocos as emendas que pretende manter na nova Constituição. Conta com o apoio incondicional da esquerda, e discreto dos militares, mas preocupa-se em manter os votos tirados do *Centrão*, onde há vários donos de empresas de capital nacional. Os pontos são os seguintes:

Empresa nacional — Manter a redação do artigo 200, que define como empresa brasileira a constituída sob leis brasileiras e que tenha no Brasil sua sede e administração. Essa definição, que está no *caput*, não é problema, dela quase ninguém discorda. A questão será manter os parágrafos que especificam o que é empresa de capital nacional (que terá de ser de pessoas residentes no país), dão proteção e benefícios especiais, e concedem tratamento preferencial a ela quando o poder público tiver de adquirir bens e serviços.

Mercado — Em hipótese alguma o grupo admite mexer na redação do artigo 249, que define o mercado interno como patrimônio nacional. O deputado Haroldo Sabóia concorda da maior importância, “porque as empresas estrangeiras têm de saber que qualquer atuação sua aqui é por concessão do Estado”. O texto desse artigo foi concebido a partir do que mantém a reserva de mercado para a informática, pois não deixa de considerar o mercado uma reserva para a empresa nacional.

Reserva — Questão de honra para as empresas de capital nacional é manter a reserva de mercado em setores de ponta (informática, química fina), e estratégicos (siderurgia, armamentos). Alguns empresários são contra a reserva, como Roberto Oliveira Sá, mas acabam apoiando a luta conjunta. Os nacionalistas também não abrem mão da reserva na mineração, onde conseguiram tornar exclusiva da empresa brasileira de capital nacional a exploração de recursos hídricos e de jazidas minerais.